

RESTAURAÇÃO DO MONUMENTO A RIACHUELO

Ana Maria Villar Leite Augusto da Silva *

RESUMO: *Dentre os monumentos mais importantes de Salvador, está o monumento aos Heróis da Guerra do Paraguai – Monumento a Riachuelo, situado na Praça do Comércio em Salvador. Foi mandado erigir pela Associação Comercial da Bahia, com subvenções dos comerciantes de Salvador e da cidade de Cachoeira, Ba. Esse monumento foi inaugurado em 23 de novembro de 1874, obedecendo a um projeto do artista baiano, João Francisco Lopes Rodrigues, confeccionado na França. É composto de um gradil de ferro forjado e moldado, um pedestal de pedra de Lioz e uma coluna, encimada pelo Anjo da Vitória, em bronze, com 23 ms de altura. Essa diversidade de materiais com especificidades e comportamentos diferentes ficou ao longo do tempo sujeita a intempéries, intervenções inadequadas, ao vandalismo e ao salitre do mar bem próximo e um fluxo diário de veículos com contaminação do monóxido de carbono, enxofre etc. Esses problemas exigiram dos restauradores conhecimentos de física, de química, de biologia, do comportamento diferenciado de cada material que compõe o monumento, para um tratamento adequado, com fundamentos científicos e com critérios avaliados, visando uma boa apresentação estética, estrutural, respeitando o monumento histórico, sua função e historicidade. O projeto de Restauo foi aprovado pelo Faz Cultura e, como é um monumento tombado, teve a fiscalização constante do IPHAN e é da autoria da AM Restauo – Ana Maria Villar e Álvaro Augusto.*

Palavras-chave: Restauração; Monumento; Riachuelo

Quando Salvador foi fundada, suas construções não obedeciam a qualquer planejamento, mas, em fins do século XVI, a Bahia tornou-se o ponto de convergência de técnicos competentes que vinham de Lisboa, para trabalhar nas construções militares, religiosas e civis.

As construções civis sofreram a influência das construções militares, mas eram enriquecidas à medida que os senhores de engenho, os comerciantes e os nobres iam acumulando fortunas e disputavam entre si o mérito de construir solar maior e mais bonito.

Dentre as construções civis, está o Paço da Associação Comercial da Bahia, situada na cidade baixa, na Praça Conde dos Arcos, próxima ao porto. Foi construída no local antigo Forte de São Fernando; é uma construção neoclássica, anterior à Missão Francesa e considerada a primeira manifestação de reação ao Rococó na Bahia.

A Associação Comercial da Bahia (A.C.B.) foi fundada em 1811 e inaugurada em 1817, idealizada por D. Marcos de Noronha e Brito, VIII Conde dos Arcos, tendo como projetista o arquiteto português, Cosme Damião da Cunha Fidié.

Detalhes importantes, que identificam acontecimentos da trajetória de nossos antepassados e os situam no tempo e no espaço, ficaram durante muito tempo escondidos ou danificados pela ação de diversos agentes de degradação.

É no resgate da memória do país que reside a importância do trabalho realizado na recuperação do Monumento a Riachuelo ou aos Heróis da Guerra do Paraguai, situado na Praça do Comércio, em frente à Associação Comercial da Bahia.

* Artista Plástica (EBA/UFBa), Especialista em Conservação e Restauração de Bens Culturais, Convênio UFBa/IPHAN/UNESCO.

A guerra do Paraguai produziu uma verdadeira batalha de imagens, feitas em diferentes técnicas e por diferentes artistas como: De Martino, Victor Meireles, Pedro Américo, dentre outros, produziram telas, gravuras, desenhos, quase todos os artistas pertencentes à Academia Imperial de Belas Artes, que, com sua criatividade e imaginação fértil, consagraram heróis como Caxias, Conde D'Eu, Almirante de Tamandaré, Barroso, dentre outros, esquecendo-se dos que também lutaram e perderam a vida. Sempre, na imaginação desses artistas, há uma interpretação "oficial" e uma divulgação ao caráter heróico das batalhas, menosprezando fatos de grande importância histórica e documental.

CONSTRUÇÃO DO MONUMENTO

Na sessão de 18 de novembro de 1870, na A.C.B., cogitou-se uma homenagem aos heróis da guerra do Paraguai. Esta iniciativa tornou-se realidade em 27 de março de 1872, quando da colocação da pedra fundamental do monumento, pelo Imperador D. Pedro II, em sua passagem na Bahia, quando de retorno da Europa.

Artistas brasileiros, italianos, portugueses e franceses participaram do projeto com seus orçamentos, e a Junta Comercial, após análise, optou pelo projeto nº 4 (quatro), francês, todo em bronze, pedestal em pedra de lioz e gradil em ferro forjado, com 23 metros de altura, de autoria do artista Delaporne, obedecendo ao desenho do artista baiano, João Francisco Lopes Rodrigues.

A obra foi realizada em 11 meses, em Paris, com fiscalização e transporte por conta da Junta Comercial, sendo inaugurado em 23 de novembro de 1874 com grande festividade.

O monumento é composto de uma coluna de bronze encimada pelo Anjo da Vitória, tendo nas mãos uma palma e uma coroa de louros, e no fuste, gravados os nomes das batalhas do Paraguai. Pedestal, base e escadaria em pedra de Lioz, cercado por grades de ferro com colunas e correntes do mesmo metal.

O monumento foi financiado pela Junta Diretora da A.C.B. com auxílio do comércio da capital e da cidade de Cachoeira; a quantia foi de 38.512\$320 réis e o valor total de 55.948\$920 réis.

A montagem do monumento na Praça do Comércio foi de responsabilidade técnica do engenheiro Joseph Revault.

INTERVENÇÃO DE RESTAURO

Cabe ao restaurador sintonizar com a obra, percebê-la, captá-la e senti-la primeiro em caráter intuitivo, imediato, passando logo para o mediato, baseando-se na investigação, em critérios metodológicos de análise. Só assim se pode conhecer qual o real valor do que vamos intervir, reintegrando-a novamente de modo vital ao seu meio social.

Esta sintonia restaurador/obra de arte só se pode chegar analisando-se os três momentos da obra: o físico ou estrutural, o estético e o histórico. Dentro dessa trilogia, o restaurador penetra na estrutura, seu suporte, sua matéria, reconhecendo seus símbolos, signos, sua composição, movimentos, proporção, ritmo, seu momento de formulação e as implicações sócio-culturais, as características do autor e a sua historicidade.

Partindo primeiro desse conhecimento, dessa penetração, pode o restaurador dar um diagnóstico do estado de conservação, avaliar as condições ambientais e as causas da deterioração da obra. Num segundo momento, somando informações, propõe tratamento adequado.

Por último, baseado em critérios, em dados concretos, passa à fase operativa. O restaurador não é aquele que “retira”, mas que “estabelece” para não romper a unidade estética e histórica da obra e sua historicidade.

A conservação e restauração dos bens culturais exigem dos profissionais envolvidos um conhecimento profundo dos materiais, das estruturas, das condições ambientais, da química, da física, da biologia, da arquitetura, da engenharia, enfim uma interdisciplinaridade para se propor um tratamento adequado e por último a intervenção de restauro.

As obras foram iniciadas em 20 de janeiro de 2004, após aprovação do IPHAN, e foi contratada uma equipe experiente coordenada pela Professora Ana Maria Villar e o Arquiteto Álvaro Augusto, ambos da firma AM Restauro.

A fase operativa é da maior importância e responsabilidade, pois com ela se conclui o processo de intervenção e os critérios adotados devem ser avaliados, visando uma boa apresentação estética, estrutural, respeitando o momento histórico, sua função e historicidade.

A fase de intervenção também deve obedecer às leis da legibilidade, reversibilidade e estabilidade que regem as intervenções modernas de restauro, em nível científico.

Coluna de bronze

O bronze é uma liga de cobre e estanho. São raros os metais que se empregam isoladamente em virtude de não poderem por si só satisfazer as várias necessidades da indústria. No caso do bronze, a liga desses dois metais se apresenta em proporções variadas de acordo com o destino. A fusão se dá de 800° a 850° centígrados. Este material para monumentos geralmente é composto de 90% de cobre e 10% de estanho, dando assim boa resistência a rupturas.

O monumento a Riachuelo compõe-se de uma coluna de bronze com capitel, fuste e base. A coluna em si é uma símbolo cósmico do eixo do mundo e é usado desde a antiguidade mais remota como elementos rituais a exemplo dos Menir, da época mesolítica.

Seu sentido vertical assemelha-se à coluna vertebral e, juntamente com o capitel e a base, simbolizam a árvore da vida, liga o alto e o baixo, o humano e o divino. As colunas triunfais, como esta em questão, são semelhantes às de Trajano, na Antiga Roma, que celebrou os gestos memoráveis do Imperador, com suas 115 cenas em espiral, relativas às suas campanhas contra os Dácios.

O capitel dessa coluna sustenta uma esfera sobre a qual se vê o Anjo da Vitória em atitude de voar. Tem muita semelhança com a Vitória de Samotrácia (200 A.c.) da época helenística que é representada no momento em que põe o pé na proa do navio para proclamar o triunfo.

O equilíbrio do Anjo da Vitória da coluna comemorativa à batalha de Riachuelo está na interdependência entre a forma e o espaço que a envolve. Suas asas, como todas as figuras aladas, significam proteção e são representações de luz e bondade.

A base da coluna compõe-se de dois anéis de onde saem quatro grandes festões, com decoração fitomorfa e quatro capacetes em cada ângulo, capacetes estes que simbolizam a potência e, na mitologia grega, tinham o poder de tornar os deuses invisíveis, além de proteger seus pensamentos.

No fuste, encontram-se inscrições em letras maiúsculas das principais batalhas do Paraguai.

Do lado do mar: Riachuelo, Yatahy, Uruguayana, Paraná, Tuyuty, Estero, Bellaco, Curuzu, Corumbá, Pilar, Tagy, Tuyucue, Timbó e Assuncion.

Do lado da terra: Limas de Rojas, Chaco, Humaytá, Teblecuary, Angustura, Lomas Valentinas, Ytororo, Pikysry, Villeta, Ascura, Perebuy, Caragatay e Aquidaban.

Em um terço da coluna, tem um anel sustentado por quatro coroas com decoração fitomorfa e abaixo, ainda no fuste, a seguinte inscrição: “*Aos voluntários da Pátria, Exército e Armada Imperial pelas vitórias alcançadas no Paraguai*”.

O capitel de estilo semelhante ao coríntio, porém com mais motivos decorativos, apresenta 8 volutas e elementos fitomorfos e zoomorfos – o leão, símbolo de luta contínua e dignidade real. Este animal também é um símbolo solar, encarnação de poder, sabedoria e justiça.

Há também dois medalhões de bronze fixados em dois lados do pedestal.

No lado do mar, os símbolos do Império com a coroa de D. Pedro II, contornados por ramos de café.

No lado da terra, o lema da Cidade do Salvador, uma pomba “voando”, tendo no bico um ramo de oliveira e, ao redor, o versículo bíblico “SIC ILLA AD ARCAM REVERSA EST” – assim como a pomba voltou à arca. Episódio bíblico do Antigo Testamento, Gênesis 8, versículo 10 e 11, “E depois de ter esperado ainda outros sete dias, segunda vez largou a pomba da arca. Voltou ela a Noé, sobre a tarde, trazendo no bico um ramo verde de oliveira. Assim conheceu Noé, que as águas se tinham retirado de cima da terra.”¹

Pedestal de pedra de lioz

A pedra de lioz, como o mármore, é uma rocha metamórfica, ou seja, sofre mudanças de forma, na crosta terrestre. É um calcário especial de textura compacta, granulação fina; quando polida, adquire brilho, porém é mais porosa e menos resistente que o mármore. Os ácidos metálicos inseridos na pedra torna-a muitas vezes colorida.

O pedestal compõe-se de duas partes distintas: a parte vertical, onde estão fixados dois brasões de bronze e dois símbolos: do Império do lado do mar; e, do lado da terra, o símbolo da Cidade do Salvador, a pomba com um ramo de oliveira no bico e o versículo bíblico – Sic illa arcam reversa est.

A outra parte do pedestal tem inscrições na própria pedra, do lado sul:

No Reinado de D. Pedro II Imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil sendo arcebispo da Bahia o conde de São Salvador e presidente da província o desembargador J.A. d’Araujo Freitas Henrique no ano MDCCCLXXII.

Do lado norte: “*Mandado erigir pelo Corpo comercial d’esta praça representado pela sua diretoria em MDCCCLXXII oferecido ao Povo Brasileiro*”

Compõe também o pedestal de um piso horizontal e quadro escadas com três degraus cada uma delas.

Gradil de ferro

O ferro é um elemento químico do grupo dos metais pesados e é o segundo dos metais mais encontrados na crosta terrestre.

Não temos a análise dos componentes deste ferro, porém normalmente os usados na tecnologia contêm carbono, silício, manganês e outras impurezas como o enxofre.

O ferro usado no gradil é de duas espécies: forjado nas partes curvas e deve ter cerca de 0,5% de oxigênio para tornar mais dúctil e maleável; e outra parte moldada, que são as colunas que sustentam tanto as partes curvas como as correntes.

¹ **A Bíblia Sagrada.** Antigo Testamento, Gênesis 8, versículo 10 e 11.

DIAGNÓSTICO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Há agentes de deterioração de origem interna e externa. Os de origem interna fazem parte da estrutura do material, e os de origem externa são provenientes da poluição atmosférica, do salitre, da elevada umidade do ar, das oscilações de temperatura e umidade, iluminação inadequada, da proliferação de agentes biológicos como fungos, porém, com todos estes danos, a negligência, a falsa ideologia de progresso, o vandalismo, o roubo, o turista inescrupuloso, a transferência de obras de um local para outro são bem maiores e têm causado destruições irreversíveis aos nossos bens culturais.

O monumento apresentou os seguintes problemas em nível de conservação:

Ao darmos o diagnóstico do estado de conservação da coluna de bronze do monumento a Riachuelo, refletimos muito quanto ao grau de oxidação do metal, tendendo, a curto prazo, a danificações irreversíveis. Havia uma repintura que dava um aspecto esverdeado. Para conservar esta patina foi necessária uma comprovação diagnóstica do que vem a ser realmente patina, porque este aspecto esverdeado pode ser uma patina natural, que não deve ser eliminada. Neste caso, porém, trata-se de uma tinta de origem ácida, que provocou muitas crostas e danificou irreversivelmente algumas partes da coluna, resultando manchas irregulares e irreversíveis. Essa tinta escondeu também parte das inscrições da coluna.

No diagnóstico do estado de conservação do pedestal de pedra de lioz do monumento a Riachuelo, detectamos o seguinte:

- Perdas nas inscrições;
- Sujidades generalizadas;
- Repinturas em algumas partes do friso, escondendo a verdadeira beleza da pedra;
- Penetração da oxidação dos elementos metálicos, devido ao escorrimento de águas pluviais, vindas da coluna de bronze;
- Penetração de substâncias oleosas, em várias partes;
- Proliferação de fungos e algas;
- Perdas do suporte;
- Fissuras profundas;
- Fissuras superficiais.

No diagnóstico do estado de conservação do gradil de ferro do monumento a Riachuelo, detectamos o seguinte:

- Sujidades generalizadas;
- Oxidação;
- Corrosão em várias partes;
- Perdas do suporte;
- Perdas de elementos decorativos.

FASE OPERATIVA – INTERVENÇÃO PROPRIAMENTE DITA

Nesta fase foi conservado, o mais possível, o aspecto original do monumento, porém respeitando a sua historicidade e degradação natural dos materiais.

Foram feitas as seguintes intervenções:

a) Gradil de ferro:

- Remoção do excesso de soldas de intervenções anteriores com lixas apropriadas;
- Lixamento para remoção parcial do acúmulo de ferrugem;

- Jateamento com areia fina;
- Limpeza com aguarraz mineral para remoção dos “finos”;
- Aplicação de massa poly, para preencher as irregularidades do suporte;
- Aplicação do primer – anticorrosivo com pistola/compressor;
- Aplicação de tinta fosca, cor grafite.

b) Pedra de Lioz:

- Remoção de sujidades superficiais com jateamento de água com baixa pressão;
- Dessalinização com polpa de papel mata-borrão e água deionizada feito em várias etapas;
- Remoção das sujidades e tratamento antifungo e antialgas com AB57 – pasta gelatinosa: Bicarbonato de amônio, bicarbonato de sódio, EDTA – sal dissódico, Carboxmetil celulose, Água.

O PH ficou em torno de 7 a 7,5 e, em alguns locais, foi aumentada a quantidade de EDTA e também o acréscimo de trietanolamina para dissolver algumas gorduras impregnadas na pedra.

A pasta não foi colocada diretamente na superfície, mas sobre papel japonês, e foram feitos testes, variando de local para local de 5 a 10 minutos e, em alguns locais, 20 minutos.

Após a aplicação, foi lavada a superfície com jato de água a baixa pressão e, em alguns locais, utilizou-se esponja macia para retirar resíduos mais resistentes da pasta.

Remoção de repinturas nos frisos superiores e na parte vertical do pedestal com aguarraz mineral e bisturi. Esta operação foi de difícil remoção, pois a tinta estava muito impregnada e o local era com baixo relevo, o que dificultou a intervenção;

Remoção das manchas de cobre com ácido cítrico a 2% na água, assim mesmo partes ficaram esverdeadas pela penetração irreversível na pedra porosa;

Testes para consolidação do suporte com pó de mármore de vários tons e da pedra de lioz (de demolições), para se chegar aos diversos tons da pedra. O consolidante foi o Paraloid B72 a 50%, no xilol. Chegou-se a alguns tons mais difíceis com verniz colorido também a base de Paraloid B72.

Foram feitos testes com Primal B60A, porém os locais ficaram frágeis, sem resistência mecânica. Foram colocadas próteses nos locais com faltantes em maiores dimensões e profundidade, com pedra de lioz, acompanhando a forma da lacuna. Foram fixadas com cola própria para mármore à base de epóxi e pinos para melhor fixação.

Os locais faltantes, menos profundos, foram feitos por partes, entremeando-se pequenas pedras de lioz e o verniz de Paraloid B72 a 2% no xilol para proteger a pedra. Esta diluição é para evitar “filme” e facilitar a evaporação da pedra.

c) Coluna de Bronze:

Limpeza superficial com jato de água a baixa pressão, sendo removidos muitos excrementos de pombos, com cuidados especiais;

Remoção de repintura de uma intervenção anterior em toda a coluna, com aguarraz mineral. Esta intervenção anterior deve ter sido para dar uma pátina artificial, porém foi com produto químico, ácido, que prejudicou o metal, manchando-o, em algumas partes, irreversivelmente;

Manufatura/fundição das partes faltantes nos braços;

Jateamento com micro esfera de vidro, com baixa pressão, para respeitar parte da pátina original do monumento. O aparecimento de cores diferentes, principalmente no fuste da coluna, foi ocasionado pela tinta ácida de uma intervenção anterior. No capitel, cores diferentes mais acentuadas, intencionais dos autores do projeto e da fundição, sendo a coluna quase lisa. Estes aspectos são muito visíveis. O jateamento foi feito o mais uniforme possível;

Foi protegida com plástico toda a coluna após o jateamento e esperado um tempo mais firme em relação às chuvas constantes, para a aplicação do verniz final, que foi à base de Paraloid B72 a 5%, no xilol.

Este verniz foi aplicado com trincha bem larga de pêlo de “marta”, após a tentativa de aplicar com compressor e pistola, sem resultado satisfatório, por ser ao ar livre e com ventanias constantes.

CONCLUSÕES

A conservação dos bens culturais exige da comunidade em geral e daqueles responsáveis pela sua manutenção cuidados especiais, considerando que a degradação se inicia com a negligência do homem. É imprescindível que todos os envolvidos na manutenção dos monumentos, a comunidade em geral, a Prefeitura de Salvador, até quem faz a limpeza preventiva, tenham esclarecimentos específicos, para evitar desastres às vezes irreversíveis. Deve haver uma vigilância contínua nos monumentos que ficam expostos ao tempo e às agressões do público em geral.

Para finalizar, devemos, cada vez mais, nos unir, trocando informações, num propósito maior da conservação e resgate da nossa memória, não a memória considerada como passado histórico, mas como presente, como ato pensante que servirá para construir nosso futuro. É a nossa história que estamos construindo hoje e temos compromisso com ela.

REFERÊNCIAS

Atlas Histórico **Isto É Brasil**. Colônia, Império e República.

BRAGA, Márcia. **Conservação e Restauro de Pedras**. p. 23.

BROWNING, Chris. – Cuidado Y Reparation de Metales Antiguos.

CASTRO, Elda. **Tratamentos de Conservação de Pedras em Monumentos**. Portugal: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Enciclopédia Barsa. **A Bíblia Sagrada**. Antigo Testamento, Gênesis 8, versículo 10 e 11.

FASSINA, Vasco. **Stone decay and conservation**.

GOETHE, Instituto. **Restaurar e Preservar**. P. 21-29.

HYDEN, Richard and DESPONT, Thierry. **Restoring the Statue of Liberty**.

Banco do Nordeste do Brasil S/A. Intervenção na Fonte das Sereias. **Do Passado ao Futuro**. Fortaleza – Ceará.

La vie Mysterieuse de Chefs d’oeuvre. **La science au Service de l’art**. P. 83.

LAZZARINI. **The Deteriorations and Conservation on stone**.

Associação Comercial da Bahia. **Livro de Atas de 1860 a 1869**. P. 74 v.

MAYER, Ralph. **Manual do Artista de técnicas materiais**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

OLIVEIRA, Mário Mendonça de. **Tecnologia de Conservação e da Restauração**: materiais e estruturas. P. 83, metais e P. 37-67, degradação dos materiais porosos e rochas ornamentais.

Plenderleith. **La Conservation de Antiquidades y Obras de Arte**. P. 265-374.

PONTUAL, Roberto. **Dicionário das Artes Plásticas no Brasil**.

Preservation and Conservation. **Principles and Practices**. P. 131-137 e 213-269.

RIEDERER, Josef. **Examination of Stone decay in Tropical Countries**.

SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai**. Memórias e Imagens. Edições Biblioteca Nacional, 2003.

AMARGER, Antoini. Seminário de Museologia. França: 8 de dezembro de 2003.

UNESCO. **Correio**. A Preservação das Relíquias de Pedra.

UNESCO. **La Conservation de Los Benes Culturales**. Museos e Monumentos. P. 223-264.